



# COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

---

## O ensaio à Eduardo Lourenço : existo, logo penso (e sinto)

Onésimo Teotónio Almeida

Para citar este documento / To cite this document:

Onésimo Teotónio Almeida, "O ensaio à Eduardo Lourenço : existo, logo penso (e sinto)", *Colóquio/Letras*, n.º 170, Jan. 2009, p. 113-117.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

# O ensaio à Eduardo Lourenço

EXISTO, LOGO PENSO (E SINTO)

ONÉSIMO TEOTÓNIO ALMEIDA

SINTO-ME IMPELIDO a fazer, logo no primeiro parágrafo da minha curta intervenção neste colóquio sobre Eduardo Lourenço, uma referência a Woody Allen. Estou nisso à vontade, pois sei quanto Eduardo Lourenço admira o cineasta filósofo. (Sim, filósofo. Nelson Goodman, o famoso filósofo de Harvard, citou-o no seu livro *Ways of Worldmaking* como se de Kant ou Heidegger se tratasse, sem o menor sinal de ironia.) Na verdade, falar do autor estando ele próprio presente deixa-me completamente inibido. Interroguei-me e interrogo-me de novo neste momento: que venho eu aqui fazer? Glosar a obra de Eduardo Lourenço quando a sua escrita é um espaço aberto e ele pode melhor do que ninguém, tal como Pessoa fez sobre si próprio, explicar-se em pleno? Por isso o recurso a Woody Allen vem mesmo a propósito. No filme *Annie Hall*, uma fila de gente está à espera de comprar bilhete num cinema de New York. A câmara aproxima-se de um indivíduo exibindo ar de intelectual, assumido e presumido, e ouvimo-lo perorar para os circunstantes: «Marshall McLuhan disse isto, disse aquilo.» Perto dele, levanta-se uma voz: «Olhe lá, eu é que sou Marshall McLuhan e nunca disse nada disso!»

Por motivos que vão desses a outros congéneres, procurarei não interpretar Lourenço e limitar-me-ei a alguns comentários sobre a sua forma de fazer ensaio, ao fim e ao cabo desenvolvendo apenas algumas das afirmações por mim próprio feitas na entrada que sobre o nosso homenageado escrevi, há uma década e meia, para a *Encyclopedia of the Essay*<sup>1</sup>. Com efeito, por essa época solicitou-me Tracy Chevalier, responsável por essa iniciativa editorial inglesa, uma entrada geral sobre o ensaio português, acrescentando que, além disso, eu escolhesse alguns ensaístas portugueses que parecessem merecedores de entradas individuais e sobre eles redigisse um pequeno artigo. Cumpri, se bem que não tenha tido oportunidade de, para além do artigo principal, completar mais do que duas entradas sobre ensaístas. Foram estas sobre Vergílio Ferreira e Eduardo Lourenço, precisamente, ainda que tivesse prometido pelo menos

outros três, pois tencionava escrever também sobre Jorge de Sena, António José Saraiva e António Sérgio.

Sobre Lourenço, disse ser «the quintessencial Portuguese essayist», inserido na melhor tradição ibérica com elementos reminiscentes de Ortega y Gasset e Miguel de Unamuno. Mas confesso que essa alusão era fundamentalmente para ajudar o leitor inglês a situar-se, já que em regra para além desses dois nomes mais nada conhece sobre a Ibéria em termos de pensamento. Porque, verdade seja dita, o ensaio de Eduardo Lourenço é o ensaio de Eduardo Lourenço. Conhecedor de Gasset e Unamuno, como de tudo o mais que possa parecer importante no mundo ibérico, desde jovem Eduardo Lourenço conversou com os grandes do seu tempo sobre o pensamento dos europeus que marcaram este seu tempo, mesmo os falecidos, os hoje desdenhados por muitos multiculturalistas como *dead white males*. Com a diferença — não insignificante — de o ter feito quase só em português; daí que a sua conversa com eles tivesse resultado em conversa para nós, público português, já que só tardiamente têm surgido algumas traduções da obra de Lourenço<sup>2</sup>. Mas quem com isso perdeu foi o público não lusófono.

O ensaio de Eduardo Lourenço revela um pensamento cintilante. Escrevi já noutra lugar que os seus olhos devem ser como os das moscas, com seiscentas faces, permitindo-lhe uma visão panóptica do mundo com pelo menos a mesma rapidez. Curiosamente a sua escrita resulta não em avalanche, ou catadupa, mas em discurso que flui abundante e simultaneamente sereno, sem convulsões. Também sem rasuras nem emendas. Basta olhar para os seus manuscritos e ver como a frase não hesita; as palavras seguem-se em linha recta e inimaginável constância caligráfica. Camilo não emendava porque não tinha tempo. Jorge de Sena não emendava porque, orgulhosa mas erradamente, achou sempre que não era preciso, e a sua Mécia confirmava<sup>3</sup>. Eduardo Lourenço não emenda porque, de facto, não é necessário. E nem pára para uma citação. Não há desvios. Se as suas frases parecem hipertextos sugerindo *links*, não existe qualquer mudança de cor nas palavras ou expressões para o leitor clicar. É um texto integrado sem níveis diferenciados, contínuo, recto e plano como as linhas rectas da luz, que em última análise são onduladas. Parecendo rectas, são curvas e daí uma certa afinidade com um barroco, porém sem nunca meramente se comprazerem na forma, que lá está por inerência. É a própria ideia que brilha com fulgor e nem folhagem se lhe vislumbra. As ideias, sim, essas enrolam-se e desenrolam-se, encadeiam-se umas nas outras, formando um labirinto onde o fio de Ariadne está sempre iluminado e por isso visível.

O discurso não é interrompido por notas de rodapé. Na verdade, Eduardo Lourenço não cita, alude. Menciona. Muitas vezes obliquamente. O leitor habituou-se a ter confiança na memória dele e segue em frente procurando não perder o fio à meada do raciocínio. Deixa as referências ao cuidado dos biblió-

grafos. Porque o seu ensaio é conversa em monólogo de um cérebro ruminante que devora tudo à sua volta e tudo processa, realizando depois esse prodígio de um discurso coerente e estruturado que corre límpido, sem se preocupar com demonstrações pormenorizadas. Disse límpido, mas deveria mesmo ter dito transparente e luminoso.

Falei demasiado em cérebro. Falha minha. Uma característica do ensaio de Lourenço é o engajamento do coração no cérebro. Ou vice-versa. Essa capacidade de pensar não num analisar distante, antes num pensar senti(n)do. De algum modo o *Verstehen* alemão, só que de género peninsular crescido em França. A sua referência fundamental é Montaigne, mas Pascal está presente com esse seu lembrar das duas vertentes do compreender que se não podem desligar. Viaja no tempo e na memória com o coração atrelado à inteligência. Como Ortega achava que apenas os ibéricos podem fazer, pois acreditava que só a alma ibérica seria capaz de interligar a inteligência com a emoção (claro que, para ele, «ibéricos» significava apenas «espanhóis»).

Essa capacidade de sentir o mundo leva Lourenço a estar sempre em sintonia com ele. Se o coração está ligado ao cérebro, o interior está perenemente conectado ao teatro do mundo. Para além dessa capacidade de olhar, fora do comum, ele possui um grande ouvido. É vê-lo atento a seguir o que se diz nos incontáveis congressos em que já participou. Nada lhe escapa. Ouve e regista. Processa tudo no seu pensamento antropofágico. Servido igualmente por uma memória com capacidade para um número infinito de *megabytes*, arquiva tudo. Faz recortes cuidadosos de jornais e revistas, todavia nunca consegue arquivá-los em ficheiro físico, tocável. O seu sistema interior consegue, porém, fazê-lo a velocidades que os computadores hoje tentam imitar.

Tudo isso está patente nos seus ensaios. Eles são uma corrente de consciência, até porque constantemente lhe solicitam que fale ou escreva sobre este ou aquele tema. Assim, Eduardo Lourenço apenas dá seguimento a esse fluxo, para qualquer mortal estonteante, mas para ele normal, de deixar saber aos outros o que vai no seu interior, no labirinto da sua soledade, o que pensa e sente ele dos dados do mundo que lhe entraram pelos sentidos e passaram pelo crivo do seu íntimo após serem filtrados pelas perguntas, dúvidas, desejos, ansiedades e perplexidades de se ser humano, demasiado humano ou para quem nada humano é alheio.

É um viver ensaiando. Um escrever para compreender. Uma escrita de autognose. A sua reflexão sobre Portugal é um pensar o seu percurso individual no nosso colectivo. Em paráfrase, diríamos: *tout comprendre et sur tout essayer*.

Eduardo Lourenço não é Aristóteles, é Platão. Não é Descartes, é Pascal. Não é Nietzsche, é Kierkegaard. Herdou uma metafísica do universo essencialmente moderna que compreendeu o seu trágico com Nietzsche mas nunca desistiu de uma réstia de esperança no mistério de ser-se humano, mistério que

ele explora no contexto especial europeu — o espaço cultural onde se sente melhor e onde o deixam ser um português ibérico em busca de um lugar na sua casa de ser. Daí o seu sentimento anti-Sérgio, se exceptuarmos a preocupação pedagógica de ambos.

Sobre Eduardo Lourenço, Vergílio Ferreira, ele próprio um grande ensaísta, apregoava tratar-se de uma das grandes expressões do ensaísmo moderno (e não falava obviamente apenas em termos portugueses). Escreve numa entrada de *Conta-Corrente*:

Esteve aí o E. Lourenço. [...] Disse-lhe: «V. ainda não escreveu o SEU livro. [...]» Calou-se. I-lo-á escrever? Sinto nele a pessoa mais capaz de realizar entre nós este tipo de ensaio. Os nossos ensaístas, regra geral, não criam, não arriscam: vivem à custa da criação dos outros. Carregam todos às costas um enorme ficheiro. Lourenço, as fichas tem-nas nas pregas de uma memória inteligente. Lembra um facto, uma ideia, e a ficha salta sem a procurar. De fazer inveja.<sup>4</sup>

Quase trinta anos depois, Vergílio ainda insistiria no seu receio. Na verdade, não há o *livro* almejado pelo autor de *Para sempre*, que nem o próprio Vergílio alguma vez escreveu<sup>5</sup>. Lourenço nunca o terá escrito porque afinal tem andado a vida toda a escrever páginas sem fim do mesmo livro. É como se a obra de Lourenço fosse um diário intelectual, o *Pensar* de Vergílio Ferreira, a parte pensante que Vergílio subtraiu à *Conta-Corrente* (dimensão que deveras nunca atraiu nem teve lugar na escrita de Eduardo Lourenço). Esse diário, esse livro, ele continua-o num acrescentamento imparável de páginas.

Quedo-me por aqui. Queria entretanto ainda, e finalmente, sublinhar a força inspiradora que a obra deste homem tem tido sobre mim ao longo dos anos. E não poderei deixar de referir que, no seu caso, não é apenas a obra porque poucos intelectuais têm tão próximo o ser e o escrever.

A minha atrás mencionada entrada sobre Eduardo Lourenço para a *Encyclopedia of the Essay*, terminava-a eu nos termos seguintes, que agora traduzo:

O estatuto de Eduardo Lourenço entre os intelectuais portugueses não tem paralelo. A sua escrita combina uma vasta gama de qualidades — desde uma enciclopédica familiaridade com a filosofia, a história intelectual, a literatura e a arte do Ocidente até um conhecimento único e uma compreensão apaixonada da história da cultura portuguesa, bem como dos eventos políticos a nível nacional e mundial. O seu contagioso espírito jovem contrasta com um controlado sentido do trágico inscrito numa vívida mas *sage* prosa de um escritor e poeta de nascença.<sup>6</sup>

Obrigado, Eduardo Lourenço. Até às próximas páginas do seu Livro.

NOTAS

- <sup>1</sup> «Lourenço, Eduardo», in Tracy Chevalier (ed.), *Encyclopedia of the Essay*, Londres e Chicago, Fitzroy Dearborn Publishers, 1997, p. 496 ss.
- <sup>2</sup> Em inglês, um dos dois volumes de tradução saiu por iniciativa minha — *The Little Lusitanian House. Essays on Portuguese Culture*, trad. de Ronald W. Sousa, Providence, Gávea-Brown, 2003. Agendada para o próximo ano está a publicação de uma colectânea de textos sobre Fernando Pessoa, da responsabilidade do mesmo tradutor e editora.
- <sup>3</sup> V. o meu «O Ensaio Teórico à la Jorge de Sena», *Colóquio/Letras*, Lisboa, n.º 125/126, 1993, pp. 119-28.
- <sup>4</sup> Vergílio Ferreira, *Conta-Corrente I (1969-1976)*, 2.ª ed., Lisboa, Bertrand, 1981, p. 373.
- <sup>5</sup> V. o meu «O Ensaio de Vergílio Ferreira», in Maria Joaquina Nobre Júlio (org.), *In Memoriam de Vergílio Ferreira*, Lisboa, Bertrand, 2003, pp. 93-101.
- <sup>6</sup> «Lourenço, Eduardo», in Tracy Chevalier (ed.), *Encyclopedia of the Essay*, ed. cit., pp. 496-7.